

Maternidade e apostas étnico-raciais: perspectivas críticas a colonialidade e contra-hegemonia na produção científica

Luana Fontel (UFRJ)

Gisele Camilo da Mata (UFMG)

Este Grupo de Trabalho propõe refletir sobre as relações entre maternidade, colonialidade e produção científica, destacando as apostas étnico-raciais que emergem quando mulheres negras, indígenas, periféricas e de minorias políticas ocupam o espaço acadêmico. A proposta parte do reconhecimento de que a universidade é um território de reprodução da colonialidade do poder, do saber e do ser – o que historicamente marginaliza epistemologias não brancas e subalterniza maternidades racializadas –, mas também um espaço de resistência, onde se constroem práticas de enfrentamento e reinvenção que desafiam o cânone científico e suas hierarquias.

Pensar a maternidade a partir de perspectivas críticas à colonialidade implica deslocar o olhar eurocentrado que naturalizou o maternar como experiência universal, despolitizada e desvinculada de raça e classe. Este GT busca escutar essas narrativas, abrindo espaço para produções científicas e práticas de pesquisa que reconheçam a maternidade como campo de resistência e invenção, mas, especialmente, de elaboração epistêmica. Ao trazer para o centro os saberes ancestrais e contra-hegemônicos que atravessam os modos de maternar, pretende-se afirmar a potência política e intelectual das mulheres que, em meio a processos de exclusão, sustentam outras formas de existência e produção de conhecimento.

O GT acolherá trabalhos teóricos, relatos auto etnográficos, produções artísticas e experiências comunitárias que problematizem: a maternidade, a colonialidade e o racismo na universidade; a saúde mental materna em contextos de ideais de produtividade acadêmica; a entrada e permanência de minorias políticas no ensino superior pós-democratização; a escrita de trabalhos que partam da experiência pessoal como estopim da especulação científica; práticas de resistência que levam mulheres-mães a concluir etapas do ensino formal e; organizações ativistas que se alinham a possibilidade radical de uma vida materna para fora dos eixos da opressão. O objetivo é criar um espaço de escuta e diálogo entre pesquisadoras, estudantes e mães, que permita visibilizar as maternidades como lugar de crítica à colonialidade e de formulação de práticas científicas comprometidas com a dimensão emancipatória da educação.

Ao articular maternidade e apostas étnico-raciais, este GT afirma a urgência de reconhecer e valorizar os modos de pensar, cuidar e existir que emergem das margens da universidade, não como exceção, mas como força epistemológica capaz de reorientar os rumos da produção científica no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: maternidade; colonialidade; epistemologias contra-hegemônicas; universidade.